



O DESENVOLVIMENTO DAS TÉCNICAS COMERCIAIS E A INFLUÊNCIA DOS MERCADORES DURANTE A BAIXA IDADE MÉDIA

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3506

Liliana Grubel Nogueira, UEM
Jaime Estevão dos Reis, UEM

Resumo

Esse trabalho tem como objetivo demonstrar as técnicas comerciais desenvolvidas durante o período compreendido como Baixa Idade Média, destacando, principalmente, a influência dos mercadores neste contexto. Para tanto, buscaremos investigar as condições econômicas e sociais do período, destacada pelo historiador e medievalista belga Henri Pirenne (1862-1935), em duas de suas obras denominadas: *As cidades da Idade Média* (2009) e *História econômica e social da Idade Média* (1982). Juntamente, faremos uso de outros historiadores econômicos, cujas obras darão suporte à análise das obras de Henri Pirenne. Destacamos Robert S. Lopez, *A revolução comercial da Idade Média* (1976) e *A cidade medieval* (1988), Edwin S. Hunt e James M. Murray, *Uma história do comércio na Europa medieval* (2000), Guy Fourquin, *História econômica do Ocidente medieval* (1991) e Jacques Le Goff, *Mercadores e banqueiros da Idade Média* (1991) e *A Idade Média e o dinheiro* (2014). Deste modo, nosso estudo busca compreender a complexidade do comércio nos últimos séculos medievais e as diversas formas encontradas pelos mercadores para dinamizar os investimentos comerciais, inserindo-se, inclusive, naquelas atividades características da aristocracia, como ocorreu na Barcelona do século XV, conforme demonstram os historiadores Jaume Aurell e Alfons Puigarnau, na obra *A cultura do mercador na Barcelona do século XV* (2008). Logo, verificamos que as técnicas comerciais foram se aprimorando e que os mercadores foram os principais agentes das transformações.

Palavras Chave:

Mercadores; Comércio;
Técnicas; Henri Pirenne.

Introdução

A partir do século XI, verifica-se um desenvolvimento do comércio no Ocidente medieval. O Mediterrâneo, o Mar Negro e o Mar Báltico se tornaram grandes vias para o tráfico das embarcações mercantis e feitorias e consulados foram se instalando em diferentes pontos ao longo das rotas comerciais. Segundo Henri Pirenne (1862-1935), historiador e medievalista belga, foi a partir do comércio que as cidades medievais se desenvolveram. E nunca se vira na história uma classe de homens tão empenhados e dedicados a promover a urbanidade como a burguesia medieval (PIRENNE, 2009, p. 110).

Todavia, não se pode afirmar que as cidades medievais foram fundadas apenas por mercadores. Essa tese de Henri Pirenne sofreu críticas por parte de historiadores que se ocuparam do estudo do desenvolvimento das cidades no Ocidente medieval. Neste artigo, buscamos compreender o papel dos mercadores e o desenvolvimento das atividades comerciais nas cidades medievais, não apenas pelo olhar de Pirenne, mas estabelecendo um diálogo com historiadores como Guy Fourquin, Robert S. Lopez, Michel Le Menè, Jacques Le Goff, que ampliaram os horizontes de investigação sobre essa temática.

Objetivos

O objetivo do nosso trabalho é pautado em demonstrar o desenvolvimento das técnicas comerciais que permitiram suprir as necessidades dos “homens de negócios” no período compreendido como Baixa Idade Média, séculos XIV e XV. Buscamos fazer uma investigação sobre as condições econômicas e sociais desse período, destacadas pelo historiador e medievalista belga Henri Pirenne em duas de suas obras: *As cidades da Idade Média* (2009) e *História econômica e social da Idade Média* (1982). Utilizamos, também, uma

bibliografia voltada para o estudo dos agentes econômicos medievais, buscando maior sustentação e complementação à perspectiva de Henri Pirenne.

Dentre elas destacamos os estudos de Robert S. Lopez, *A revolução comercial da Idade Média* (1976) e *A cidade medieval* (1988), Edwin S. Hunt e James M. Murray, *Uma história do comércio na Europa medieval* (2000), Guy Fourquin, *História econômica do Ocidente medieval* (1991) e Jacques Le Goff, *Mercadores e banqueiros da Idade Média* (1991) e *A Idade Média e o dinheiro* (2014).

Buscamos compreender a complexidade adquirida pelo comércio nos últimos séculos medievais e como os mercadores encontravam mecanismos para dinamizar os investimentos, sendo que os mais notáveis e ricos mercadores se encontravam até mesmo inseridos nas atividades características da aristocracia como ocorreu na Barcelona do século XV, conforme demonstram, peculiarmente, os historiadores Jaume Aurell e Alfons Puigarnau (2008).

Resultados

Entre os séculos X e XIII, o setor agrário era a base da economia medieval. Contudo, no final do século XIII o cenário foi mudando e o setor terciário, composto pelas técnicas comerciais, redes de transporte e comércio, ganhou envergadura, chegando a extrapolar o grau de importância do setor primário na sociedade de várias partes do Ocidente medieval. Inclusive, as técnicas adquiriram características da modernidade antes de 1500 (FOURQUIN, 1991, p. 399).

Para os historiadores Edwin Hunt e James Murray (2000), o crescimento econômico da Idade Média foi ocasionado por um conjunto de fatores. A começar pelo crescimento da população, devido aos incrementos tecnológicos desenvolvidos no setor agrícola a partir do século X, o que fez

umentar a produção. Consequentemente, dinamizou a área urbana e especializou as atividades inerentes ao ramo da indústria e comércio medieval.

No início do século XIV a expansão econômica medieval cessou. Até esse momento, via-se uma enorme irradiação do tráfico comercial, aumento da população, desenvolvimento das cidades, enfim, de toda atividade da burguesia emergente. Todavia, no decorrer das primeiras décadas deste século, ocorre certo congelamento no progresso europeu (PIRENNE, 1982, p. 197-199).

Essa estagnação econômica foi provocada pelas catástrofes que vieram à tona, como a fome provocada por períodos de intempéries climáticas, consequentemente desregulando drasticamente a produção de alimentos, e a Peste Negra, doença transmitida por pulgas e, num estágio mais avançado, pelo ar por contato direto (gotículas de saliva ou muco), causando a morte de milhares de indivíduos. Segundo Henri Pirenne:

A terrível fome que dizimou a Europa de 1315 a 1317 [...]. Trinta anos mais tarde, um novo desastre, ainda mais espantoso, a peste negra, assolou o mundo, que apenas estava se refazendo do primeiro choque. De todas as epidemias que a História menciona, esta foi, indiscutivelmente, a mais atroz. Calcula-se que de 1347 a 1350, desaparecera uma terça parte da população europeia (PIRENNE, 1982, p. 200).

Não ocorreram somente catástrofes devidas à natureza, mas também aquelas de origem política. Para Guy Fourquin,

No seu conjunto o fim da Idade Média foi uma época conturbada. Guerra dos Cem Anos, complicada pela guerra civil entre os Amanhaques e os Borguinhões, em França. Guerra dos Ingleses contra os escoceses, guerra civil no tempo

de Ricardo II, guerra das Duas Rosas entre York e Lancaster. Lutas intestinas em Castela e no Sul da Itália. Devastações feitas pelos soldados aventureiros e pelos *condottieri* nas numerosas campanhas “locais” no Norte de Itália, nos Estados pontificais, no Sul da Alemanha. Tumultos civis na Flandres. E assim por diante. Tudo isso preparou ou completou a obra nefasta das fomes e das epidemias (FOURQUIN, 1991, p. 337-338).

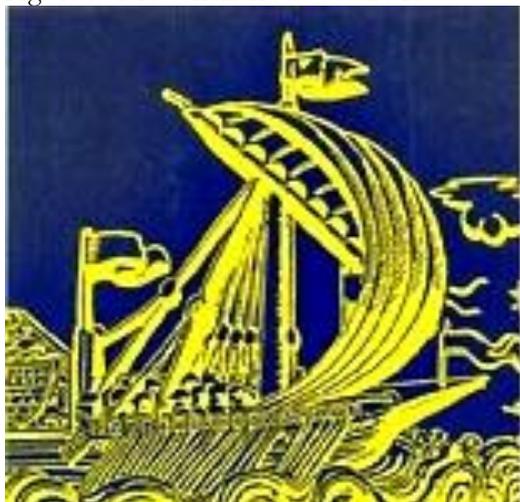
As técnicas comerciais ao longo dos séculos XIV e XV

Durante os séculos XIV e XV, o transporte de mercadorias por terra pouco evoluiu em suas formas, continuou sendo feito sobre o lombo de mulas ou em carros de tração animal compostos de duas ou quatro rodas. No entanto, não podemos dizer o mesmo do transporte por vias fluviais e marítimas, estas se diversificaram e se ampliaram. Eram construídas embarcações próprias para cada necessidade, desde pequenos e ágeis barcos até aqueles de maior envergadura e capacidade para o transporte de produtos como madeira, cereais e minérios em grande quantidade (FOURQUIN, 1991, p. 402-404).

Robert S. Lopez em sua obra *A revolução comercial da Idade Média 950-1350* (1976), compara as construções navais com as grandes obras arquitetônicas da Idade Média. Era preciso destreza, imaginação, além de muita ousadia para construí-las, assim como na edificação dos grandes castelos e catedrais. Dessa maneira, empenhavam-se na elaboração da estrutura, principalmente, das velas e dos remos para obterem melhores resultados na prática. Um exemplo de embarcação muito utilizada era a galera. Esta, uma descendente das embarcações romanas e bizantinas, com sua propulsão a remos ou a vela servia tanto para o comércio quanto para as batalhas. Ela dá jus ao seu nome que significa peixe-espada, pois, apesar de ter a quilha (peça

estrutural do casco) achatada, possuía uma proa pontiaguda que poderia rasgar uma embarcação ao meio. O seu articulado sistema de velas e remos era manuseado para obter o maior rendimento em qualquer tipo de vento (figura 1) (LOPEZ, 1976, p. 92-93).

Fig. 1: Galera veneziana do século XV



Fonte: Ilustração da capa do livro *A revolução comercial da Idade Média 950-1350* (1976), de Robert S. Lopez.

As vias aquáticas eram preferíveis aos mercados. Onde a passagem permitisse o trânsito, poderiam carregar mercadorias em larga escala nos seus barcos. Já as vias propriamente marítimas eram muito utilizadas principalmente para o comércio internacional que foi de extrema importância para o enriquecimento dos grandes mercadores (LE GOFF, 1991, p. 11-12).

Diferente do mercador itinerante, que estava sempre a viajar, apareceu uma nova figura: o mercador sedentário. Acontecimento provocado pelas profundas mudanças das estruturas comerciais, pois, com a evolução das técnicas e a complexidade adquirida na organização dos trâmites, foi preciso formar uma rede de associados. Tornando inútil o deslocamento constante dos mercadores que estavam à frente da gerência dos negócios de uma determinada associação. Uma das formas de associação que se difundiu foi o

contrato de *commenda*, em que os contratantes se associavam assumindo metade dos riscos e das vantagens nas viagens marítimas. Podemos citar o exemplo do seguinte contrato concluído em Gênova, já no ano de 1163:

Testemunhas: Simone Bucuccio, Ogerio, Peloso, Ribaldo di Sauro e Genoardo Tosca. Stabile e Ansaldo Garraton formaram uma *societas* na qual, segundo suas declarações, Stabile trouxe uma contribuição de 88 libras, e Ansaldo, de 44 libras. Ansaldo leva esse capital, para fazê-lo frutificar, a Túnis ou a qualquer lugar onde deve passar o navio que ele utilizará – a saber, o navio de Baldizzone Grasso e de Giraldo. Quando regressar, remeterá o lucro da partida a Stabile ou seu representante. Deduzido o capital, dividirão os lucros meio a meio. Contrato realizado na casa de Capítulo, em 29 de setembro de 1163.

Ademais, Stabile autoriza Ansaldo a enviar esse dinheiro a Gênova pela embarcação que lhe aprover (LE GOFF, 1991, p. 19).

Existiam também os contratos para o comércio terrestre. Divididos fundamentalmente em *compagnia* e *societas terrae*. Com a diferença de que suas conclusões variam no decurso de um a quatro anos (LE GOFF, 2014, p. 138).

Algumas famílias de mercadores ou grupos de comerciantes desenvolveram um sistema mais complexo, as companhias. Podemos dizer que, *grosso modo*, essas formações se baseavam em contratos que poderiam ser renovados, conseqüentemente, formando vínculos comerciais com os contratados. Nos séculos XIII e XIV essas companhias se caracterizavam da seguinte forma: um ou vários comerciantes se destacavam e eram possuidores de filiais administradas por empregados seus que trabalhavam a troco de um salário. Todavia, no século XV ocorreu certa descentralização, pois a sede se tornou um frágil elo devido à

independência cada vez maior que as filiais estavam adquirindo. Nesse decurso, os depósitos se tornaram uma parte importante do capital, difundindo-se uma inovação técnica desses então banqueiros, denominada letra de cambio (LE GOFF, 2014, p. 138-139).

Não conseguindo satisfazer a necessidade de moedas, buscaram-se novas formas que pudessem corresponder melhor às necessidades no momento de fazer as transações comerciais. Então, criara-se a letra de câmbio e a prática do seguro, uma verdadeira evolução no sistema monetário (LE GOFF, 2014, p. 163). Para Jacques Le Goff,

A letra de cambio era “uma convenção pela qual o ‘doador’..fornecia uma quantia ao ‘tomador’... e recebia em troca um compromisso pagável a prazo (operação de crédito), mas em outro lugar e com outra moeda (operação de câmbio). Todo contrato de câmbio engendrava, pois, uma operação de crédito e câmbio, ambas intimamente vinculadas” (R. de Roover apud LE GOFF, 1991, p. 30).

O papel da moeda na época favorecia o trabalho das pessoas envolvidas com o comércio, pois com ela poderiam ser feitos pagamentos, transferências, créditos, além de ser uma forma especulativa de ganhos sobre as diferenças financeiras dos mercados de trocas nos diferentes locais onde existia a prática do comércio (FOURQUIN, 1991, p. 410).

Para facilitar a circulação de documentos foram criados os serviços postais nas companhias comerciais. A informação precisava circular, pois os mercadores precisavam estar sempre atualizados sobre tudo que se passava no âmbito comercial, assim podendo gerenciar melhor seus negócios. Tanto que guias, verdadeiros manuais, se difundiram dando ensinamentos preciosos, inclusive àqueles que desejavam possuir os

conhecimentos necessários à arte do comércio. Segundo Guy Fourquin,

Para poder dirigir bem, e à distância, os seus negócios, o patrão tinha de dispor de uma informação vasta e bastante regular sobre o preço de todas as coisas, o estado presente da conjuntura e o sentido provável de suas próximas variações, conhecer tudo sobre a economia e também sobre a política, visto que as guerras, os tratados... têm repercussões evidentes sobre a actividade mercantil (FOURQUIN, 1991, p. 404).

Assim, já no final do século XIII, a influência da bagagem cultural aumentou e refletiu na maneira de conceber as atividades comerciais. Começou a serem compostos os primeiros manuais de agronomia e o mercador, em condição sedentária, agora dirigia seus negócios e operações comerciais à distância. Isso exigia do mercador um conhecimento sobre a cultura, que só seria alcançada mediante muito estudo (LE MENÉ, 1979, p. 94-95).

Segundo Jacques Le Goff, não podemos dizer que tudo era voltado para o âmbito religioso durante a Idade Média, mas, desde o momento da revolução comercial e do desenvolvimento urbano ocorrido a partir do século X, certos grupos sociais começam a ter outras preocupações, tipos de conhecimento e instrumentos diversos para sua própria expressão. Para tal desenvolvimento de uma cultura laica, o papel do mercador foi de extrema relevância, pois era ele que, devido às necessidades impostas pela profissão, visava o útil, o concreto e o racional. Só possibilitando a realização de suas vontades devido ao dinheiro que acumulava em seus trâmites comerciais e, conseqüentemente, viabilizava diversos empreendimentos e aspirações na sociedade (LE GOFF, 1991, p. 103-104).

Para organizar melhor o comércio em determinados lugares da

sociedade medieval os burgueses, por essência mercadores, construíram escolas laicas e delas usaram, pois, apesar da Igreja conseguir por um lado o monopólio do ensino secundário e superior, a abertura de um ensino primário era permitida a qualquer um. Os estudos da escrita, cálculo, geografia e línguas vivas se tornaram indispensáveis aos mercadores.

O futuro mercador, posto na escola com a idade de 7 anos, aprendia a ler e a escrever durante dois a três anos, depois abordava o cálculo através de exercícios práticos elementares realizados com o auxílio do ábaco e se iniciava na manipulação das tabelas para as operações mais complexas de juros simples ou compostos; enfim, se ele não começava seu aprendizado na loja paterna, na de um camarada, às vezes no estrangeiro, numa sucursal ou em casa de conhecidos, para quem prestava serviços, ele se aperfeiçoava nos problemas contábeis da vida cotidiana nas cidades que dispunham de estabelecimentos especializados (LE MENÉ, 1979, p. 95).

Destarte, os homens empenhados nas atividades comerciais viram-se obrigados a instruírem-se para lidar com as dificuldades impostas pelo ofício. Consequentemente, fora criada uma verdadeira “cultura mercantil e financeira” que precisava ser memorizada em escritos. Os diversificados manuais dos mercadores são a prova concreta dessa necessidade revelada. Com eles foi possibilitado um manejo mais eficaz para as práticas mercantis, afunilando-as. Podemos citar o exemplo do famoso manual de Luca Pacioli, em finais do século XV (LOPEZ, 1988, p. 118).

Manuais de instrução de mercadores fazem parte de um gênero literário que se difundiu no Ocidente medieval a partir do século XIII. Os principais autores dessas obras foram

mercadores ou representantes comerciais vinculados, em sua

maioria, às grandes companhias de comércio, sobretudo as das repúblicas italianas de Veneza, Florença, Gênova e Pisa, que controlavam a quase totalidade das rotas de comércio (REIS, 2015, p. 64-65).

Inclusive, a eficácia de um comércio cada vez mais longínquo ocorreu, principalmente, devido a todos os tipos de orientações encontradas nesses manuais frente à tamanha complexidade do comércio (CAUNEDO DEL POTRO, 2011, p. 804).

Foi entre os séculos XIV e XV que parte de uma tradição italiana de mercadores/escritores se formava na Itália (PINEDA, 2012, p. 100). O manual *Libro de l'arte de la mercatura* escrito pelo mercador e humanista Benedetto Cotrugli (1416-1469) se insere nesse contexto. Em meio a uma sociedade que estava moldando e adequando seus valores morais, a obra não é voltada apenas para os mercadores, mas também a todos os cidadãos. Identificando no mercador as virtudes morais e profissionais, pois o representa como um pai de família, personagem público e, numa perspectiva muito mais abrangente, representante de uma sociedade (PIOTROWICZ, 2013, p. 349-350).

É na cidade que se verifica uma maior liberdade e autonomia, nela os mercadores são verdadeiros protagonistas e desenvolvem suas atividades comerciais, onde são formadas todas as moralidades da profissão mercantil. É nela também que ocorre uma maior diversificação das práticas e uma crescente divisão do trabalho, tendo assim o mercador como sujeito inculcado não somente no comércio, mas em todos os âmbitos que dizem respeito às características basilares para existência das cidades medievais. De um modo mais geral:

O renascimento urbano baixo-medieval trouxe consigo uma dinamização das estruturas econômicas, políticas e sociais, que,

ao mesmo tempo, tornou possível uma extensão – em quantidade e qualidade – da cultura da elite e da cultura popular (AURELL; PUIGARNAU, 2008, p. 41).

Contudo, Jaume Aurell e Alfons Puigarnau salientam que não podemos ter uma visão monolítica dos fatos históricos. Apesar dos significativos estudos feitos por Henri Pirenne e Robert Sabatino Lopez em suas obras sobre a configuração social da cidade medieval, não podemos cair no mero entendimento das concepções reducionistas sobre os grupos sociais que engendraram a população existente nos espaços urbanos medievais. Não eram constituídos somente por mercadores, mas por uma complexa configuração que orquestrava todo desenvolvimento daquele corpo social.

Deste modo, poderá ser superado também outro equívoco referente a cultura do mercador: identificar a cidade com o desenvolvimento do comércio ou, o que é o mesmo, identificar o tipo de cidadão ideal como mercador. Em primeiro lugar, trata-se de um equívoco porque o próprio conceito de mercador é, por si mesmo, demasiado complexo e mutável através do tempo para ser aplicado em uma visão monolítica da sociedade urbana. Em segundo lugar, porque o que constitui a essência da cidade medieval não é simplesmente um determinado tipo social – como também não o é uma topografia específica nem um sistema político original. O que constitui a essência da cidade medieval é a formação de diversas agrupações humanas caracterizadas por uma nova concepção do trabalho (AURELL; PUIGARNAU, 2008, p. 69).

Para os autores não existia uma uniformidade na categoria mercantil medieval. Nos mostra que, dependendo do local e de todas as circunstâncias que poderiam influenciar, existiam variadas categorias de mercadores. Por exemplo, os

mercadores italianos possuem características diferenciadas dos mercadores barceloneses: eles dependem do mundo urbano, não existiu o *binterland* em muitas cidades italianas, assumiam muitos riscos e tinham uma enorme capacidade de adaptação nos mais diferenciados locais (AURELL; PUIGARNAU, 2008, p.74-75).

Os mercadores barceloneses começam a se interessar cada vez mais pela forma de vida e concepção aristocrática de conceber os trabalhos. Muito disso se deve a mentalidade daquele grupo, mesmo com a crise econômica se aguçando na Barcelona do século XV. Além disso, apesar de possuir um extenso enraizamento do hábito de ler manuais sobre a arte do comércio como os mercadores italianos, por exemplo, o que mais faltava era o espírito empreendedor provocado por um forte apego as tradições e a segurança proporcionada pelos benefícios não comerciais (AURELL; PUIGARNAU, 2008, p.177). Esse foi um dos maiores diferenciais entre os mercadores barceloneses e italianos. Sendo estes mais orientados para a profissão mercantil. “Talvez seja essa a melhor explicação da ausência, na Barcelona de finais da Idade Média, de um verdadeiro Renascimento como corrente artística e de um humanismo como linha de pensamento” (AURELL; PUIGARNAU, 2008, p. 175).

Considerações finais

Tendo em vista as concepções de Henri Pirenne, historiador e medievalista belga que desempenhou um papel fundamental na produção historiográfica do século XX, verificamos que ele atribui aos mercadores uma importância no contexto da urbanização, organização da economia e desenvolvimento das técnicas comerciais no Ocidente medieval, principalmente ao longo de suas obras *As cidades da Idade Média* (2009) e *História econômica e social da Idade Média* (1982).

A partir dessa premissa, e,

buscando outros autores que estudam o desenvolvimento comercial da Idade Média, como Jacques Le Goff, Robert S. Lopez, Michel Le Mene, Jaume Aurel e Alfons Puigarnau, procuramos demonstrar o desenvolvimento das principais técnicas comerciais ao longo do período compreendido como Baixa Idade Média, e como se deu a interação dos “homens de negócios”, os mercadores, nesse período histórico.

Por fim, levando em consideração que Henri Pirenne é um dos pioneiros da análise referente ao papel dos agentes econômicos medievais, e apesar de receber diversas críticas às suas teses generalizantes, os estudos deste historiador contribuíram para o desenvolvimento historiográfico acerca do comércio e do papel dos mercadores na Idade Média.

Referências

- AURELL, Jaume; PUIGARNAU; Alfons. **A Cultura do Mercador na Barcelona do Século XV**. São Paulo: Ramon Llull, 2008.
- CAUNEDO DEL POTRO, Btsabé. **Algunos aspectos de los manuales de mercadería. El valor del aprendizaje. La pereza es llave de la pobreza**, 2011. Disponível em: <http://estudiosmedievales.revistas.csic.es/index.php/estudiosmedievales/article/download/372/378>. Acesso em: 21/05/2017.
- FOURQUIN, Guy. **História Econômica do Ocidente Medieval**. São Paulo: Edições 70, 1991.
- HUNT; MURRAY, Edwin S.; James M. **Uma história do comércio na Europa Medieval: 1200-1550**. Lisboa: Publicações Dom Quixote: 2000.
- LE GOFF, Jacques. **A Idade Média e o dinheiro**: ensaio de antropologia histórica. Rio de Janeiro: Civilização, 2015.
- LE GOFF, Jacques. **Mercadores e Banqueiros da Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LE MENÉ, Michel. **A economia medieval**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- LOPEZ, Roberto S. **A cidade Medieval**. Lisboa: Editorial Presença, 1988.
- LOPEZ, Robert S. **A revolução comercial da Idade Média: 950-1350**. Lisboa: Presença, 1976.
- PINEDA, Jesús Alberto Suárez. **Benedetto Cotrugli Raugo: Padre de la gestión moderna**. 2012. Disponível em: <http://revistas.elpoli.edu.co/index.php/teu/articulo/download/52/364>. Acesso em: 21/04/2017.
- PIRENNE, Henri. **As cidades da Idade Média**. Europa América, 2009.
- PIRENNE, Henri. **História econômica e social da Idade Média**. São Paulo: Mestre Jou, 1982.
- PIOTROWICZ, Paulina. **L'immagine del mercante modello in Il libro dell'arte di mercatura di Benedetto Cotrugli**, 2013. Disponível em: www.ejournals.eu/pliki/art/4642/. Acesso em: 31/03/2017.
- REIS, Jaime Estevão dos. Os Manuais de Mercadores da Idade Média: uma análise comparada do Zibaldone da Canal e o La Pratica Della Mercatura. **Revista de História Comparada** - Programa de Pós-Graduação em História Comparada-UFRJ, p. 43-68. Disponível em: http://www.hcomparada.historia.ufrj.br/revistahc/artigos/rhc_volume009_num001.pdf. Acesso em: 10/01/2016.